

**OFICINA DE CRIATIVIDADE: PSICOLOGIA E COGNIÇÃO INVENTIVA NA
EDUCAÇÃO**

Creativity Workshops: Psychology and Inventive Cognition in the Education

GOMES, Melissa Fantuzzi

Faculdade Jaguariúna

BOM-TEMPO, Juliana Soares

Universidade Estadual de Campinas

DE SOUZA, José Otacílio

Faculdade Jaguariúna

SOUZA, Luís Filipe de

Faculdade Jaguariúna

Resumo: Esta pesquisa foca-se em uma investigação teórica das Oficinas de Criatividade com recursos para aprendizagens significativas no contexto escolar. Para isso foi feito um estudo do conceito de criatividade na Psicologia, um levantamento de artigos publicados nas plataformas Scielo, Lilács e Bireme nos últimos cinco anos sobre o desenvolvimento de oficinas nas escolas; além de uma definição de Oficinas de Criatividade ligada à experimentação e a invenção, como estratégia de proporcionar um plano de aprendizagens para escolares. A Psicologia como as outras áreas do conhecimento, lança mão de instrumentos para desenvolver seus processos, sejam de geração/ampliação dos conhecimentos, sejam de transferência desses conhecimentos para sociedade. Para a Psicologia vinculada à Cognição Inventiva, essa transferência de conhecimento necessita de uma abordagem diferenciada daquela que é comumente adotada no meio técnico-científico. Neste processo, a aprendizagem não segue os procedimentos sob a ótica da psicologia clássica que desconsidera a invenção como uma capacidade cognitiva, e explora aspectos da criatividade no ambiente escolar. A Oficina de Criatividade tem sido utilizada como instrumento no processo de aprendizagem vinculado a uma Cognição Inventiva, como espaço para experimentações e criações, aliada a problematizações das possibilidades de encontro com os conteúdos educacionais.

Palavras-chaves: Cognição Inventiva, Oficina de Criatividade, educação.

Abstract: This research focuses on the theoretical investigation of Creativity Workshops with resources for meaningful learning in the school context. For this was a study of the concept of creativity in Psychology, a survey of articles published on the Scielo, Lilács and Bireme platforms the past five years on the development of workshops in schools and a definition of Creativity Workshops connected to experimentation, as strategy to provide a plan for school children learning. Psychology as other areas of knowledge, shall make use of instruments to develop their processes, whether generation / expansion of knowledge, whether that knowledge transfer to society. For Psychology linked to Inventive Cognition, this transfer of knowledge requires a different approach from that which is commonly adopted in the technical-scientific middle. In this

process, the learning does not follow the procedures from the perspective of classical psychology that does not consider the invention as a cognitive ability, but explores aspects of creativity in the school environment. The Creativity Workshop has been used as a tool in the learning process linked to an Inventive Cognition, as an area for experimentation, with learning that question the possibilities of supporting the educational contents.

Key-words: Inventive Cognition, Creativity Workshop, education

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso realizado em 2012 vinculado ao curso de Psicologia da Faculdade Jaguariúna. Este se propôs a investigar a estratégia de Oficina de Criatividade como um instrumento ligado ao campo da psicologia e da educação, enquanto lugar de aprendizagens vinculadas à capacidade criativa no ambiente escolar. Diante disto, a oficina é uma estratégia também abordada pela pedagogia, e é definida, de um modo geral, como um trabalho que envolve grupos, sem número definido de encontros, focalizado em torno de um tema central, proposto pelo grupo, dentro de um meio social. A oficina, ainda dentro desse contexto, é caracterizada pela construção coletiva de um saber, de percepção da realidade vivida por cada participante, de confrontação e intercâmbio de experiências, em que o saber constitui-se no resultado final do processo de aprendizagem e também no processo de construção do conhecimento, desenvolvendo-se uma experiência de ensino e aprendizagem em que educadores e educandos constroem um conhecimento num tempo-espço para a vivência, a reflexão, a conceitualização: como síntese do pensar, sentir e atuar (OLIVEIRA, 2010).

Para a psicologia, enquanto campo da presente investigação, a oficina é definida como espaço para experimentação e invenção, em que o estudante ou aprendiz externaliza seus sentimentos e emoções, condição que contribui para a superação de problemas relacionados ao comportamento e à capacidade criativa do indivíduo enquanto aprendiz, e é estimulado o processo cognitivo relativo à capacidade inventiva. Porém, a literatura mais recente sobre o tema, é abordada com ênfase na pedagogia, sendo escassas as abordagens com enfoque na psicologia no campo educacional. Como exemplo de trabalho desenvolvido na área pedagógica utilizando oficina como método,

está aquele realizado por Costa Lins e Miyata (2008) que aborda a contribuição das principais teorias de criatividade e imagem mental e discute como é possível avaliar a aprendizagem de criatividade por meio de uma oficina pedagógica em uma escola técnica. Outro exemplo é o trabalho desenvolvido por Lima (2008) no qual concluiu que as ações de formação oferecidas pelas Oficinas Pedagógicas contribuem para a construção do profissionalismo docente na medida em que os saberes da formação inicial se entrelaçam com os saberes da formação continuada e com os saberes adquiridos por meio das experiências vividas. Um terceiro exemplo e com foco no professor é o trabalho desenvolvido por Cortes (2011) no qual avalia a importância das oficinas, destacando que do ponto de vista teórico-metodológico elas se situam no campo da pedagogia ativa, onde docente e discente são partes vivas e interativas do processo educacional. Também considera que as oficinas convergem com as perspectivas de cunho ativo que tendem a considerar os conhecimentos de mundo dos indivíduos como fios condutores na construção de outros saberes.

Diante do exposto, esta investigação tem como problema mobilizador as aprendizagens que se processam em contextos educacionais, seja junto aos estudantes, seja com formação de professores, e que produzem a coparticipação dos envolvidos, pesquisando a potencia das aprendizagens presentes em Oficinas de Criatividade.

Para tanto, têm-se como objetivo principal, analisar a prática da Oficina de Criatividade na educação e na psicologia, sob a perspectiva de uma Cognição Inventiva, tema desenvolvido por Virgínia Kastrup (2007).

Assim, propomos investigar as noções de cognição como invenção e sua importância no processo de aprendizagem em práticas de Oficinas de Criatividade e analisar teoricamente as proposições de Oficina de Criatividade como estratégia prática em educação e psicologia, focando a aprendizagem como uma prática cognitiva e inventiva.

Nesse processo, o presente trabalho aborda a aprendizagem não seguindo os procedimentos sob a ótica da psicologia clássica que desconsidera a invenção como uma capacidade cognitiva, mas explorando aspectos da criatividade e espontaneidade no ambiente escolar a partir de uma Cognição Inventiva.

A Oficina de Criatividade, sendo pouco abordada no meio acadêmico, principalmente no sistema educacional, necessita ser investigada e difundida como instrumento de aprendizagem vinculado a uma Cognição Inventiva.

2. REVISAO DA LITERATURA

2.1. INVENTIVIDADE NA OFICINA DE CRIATIVIDADE

A criatividade é um tema bastante frutífero e controverso. Mesmo antes da Psicologia, a Filosofia já se ocupava em entender melhor a criatividade, de forma que são muitas as teorias que, ao longo do tempo, buscaram pensar a questão. Na Filosofia, uma das teorias modernas aponta, por exemplo, para uma visão de criatividade como gênio intuitivo, ou seja, “uma forma desenvolvida da intuição” (STOLTZ, 1999, p. 70).

Já no âmbito da psicologia, encontramos uma gama variada de teorias. Assim, uma destas teorias psicológicas afirma que o desconforto gerado faz com que o sujeito buscando algo que lhe seja prazeroso retire de si algo criativo para lhe satisfazer. Como afirma Stoltz:

“Todos os processos criadores resultam da bissociação, da conexão de níveis de experiência ou de sistemas de referência. Enquanto que no pensamento rotineiro, a pessoa segue rumos já utilizados por uma associação anterior, no pensamento criador ela pensa simultaneamente em mais de um plano de experiência” (STOLTZ, 1999, p.73).

Tomando a questão pelo viés da educação, numa perspectiva piagetiana, Assis (2002, p. 30) define criatividade como “capacidade de inventar, de ter ideias novas, de resolver problemas de diferentes maneiras”, ainda nas palavras desta autora (ASSIS, 2002, p. 45), para Piaget “o principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas e não repetir simplesmente o que as outras gerações já fizeram – homens criativos inventivos e descobridores”. Assim o tema da criatividade está intrinsecamente ligado ao processo educacional, tal como discutiremos mais adiante.

Muitas são as abordagens enfim, as quais podemos dizer que são antes complementares que excludentes entre si. Segundo Stoltz.

“(…) é possível perceber que muitas (definições) se centralizam no aspecto da novidade, da originalidade que seu produto sugere, podendo essa ser a reelaboração e aperfeiçoamento do que já existe. A questão da relatividade do conceito de

criatividade em função da cultura também deve ser aqui levada em conta.” (STOLTZ, 1999, p. 15).

Para Alencar (2002), a criatividade não deve ser tomada como por muitas vezes o é no senso comum, ou seja, como um “dom divino”, o qual caracterizaria privilégio de poucos, bem como de acordo com a concepção de criatividade como fruto de uma inspiração repentina e sem razão explicável. Tais afirmações tão repetidas pelo senso comum são tidas como errôneas para a grande maioria dos estudiosos da área. Segundo tais, a criatividade seria característica de todo ser humano e seu maior ou menor desenvolvimento dependeriam da contínua prática e “treino” do indivíduo, ou seja, da maneira como ele lida com essa sua própria característica, de modo a desenvolvê-la ou não; bem como variaria também de acordo com seu contexto social se este possibilita ou ainda estimula o desenvolvimento da criatividade (ALENCAR, 2002; STOLTZ, 1999).

Ainda segundo Assis (2002), a criatividade é trabalhada quando o ambiente escolar é estimulante, livre de tensões, bem como quando o aluno é encorajado a ser independente, a tomar iniciativas próprias, a dizer o que pensa, a inventar, a procurar diferentes respostas a uma mesma questão, a manifestar seu pensamento nas mais diferentes materialidades, a trabalhar em grupos. Favorece, ainda, o desenvolvimento da criatividade, a atitude do professor de aceitar as respostas vindas dos alunos, e de procurar tornar os conteúdos e as atividades propostas interessantes a eles.

No entanto, conforme observa Alencar (1996), o ensino tradicional encontra-se de forma geral desatualizado no que concerne à criatividade, uma vez que a maior parte dos exercícios desenvolvidos em sala de aula busca a reprodução da informação transmitida, enquanto um número muito reduzido trabalharia a experiência e observação do aluno. Segundo Alencar, as grandes deficiências do ensino atual com relação à criatividade seriam, por exemplo, a ênfase no passado, valorizando a reprodução e memorização do conhecimento, a prática de atividades que admitem uma única resposta, a não procura do talento do aluno, deixando transparecer em maior destaque suas dificuldades, o cultivo de traços como obediência, passividade, dependência e desconsideração da imaginação como fator importante ao desenvolvimento.

Ainda com relação às barreiras ao desenvolvimento da criatividade impostas pela educação, Alencar (2002), em outro trabalho, aponta que os conteúdos do programa curricular e a baixa carga horária do período escolar agravam a situação de bloqueio ao processo criativo, uma vez que o aluno tem a maior parte do seu tempo tomada pelas exigências de memorização, pouco sobrando para as atividades criadoras, para a exploração de outras formas de pensamento, para testar novas abordagens na solução de problemas, estando o aluno sobrecarregado pela atividade de memorização e reprodução.

De acordo com o que observamos a criatividade não deve ser vista como característica de indivíduos específicos; ela está em todo ser humano e seu desenvolvimento é resultado do quanto o próprio indivíduo busca esse fim ou não, bem como dos efeitos do meio em que vive sobre si próprio, no sentido de que o mesmo permita maior liberdade criativa.

São várias as dificuldades encontradas para que a educação tradicional trabalhe a criatividade. Entre eles, está em o professor saber trabalhar o lado criativo como a própria pedagogia escolar possibilitar um ambiente estimulante para este. O ensino baseado na reprodução do conhecimento não instiga a curiosidade do aluno, tampouco sua criatividade. Aqui ressaltamos também o valor das Oficinas de Criatividade, como meio novo de aprendizado, estimulando o aluno a pensar, buscar e construir.

Além disso, o cultivo de um ambiente estimulante para o aluno é sem dúvidas de grande valia, contudo, não é ainda unicamente suficiente. Há que se mudar a concepção de professor como detentor único de um saber exclusivo deixando assim margem para que o aluno sinta-se confiante e se expresse de maneira criativa. Estimular não é o bastante, é necessário que o professor saiba receber as ideias novas, trabalhando-as juntamente com ele, de forma a tirar sempre mais ideias, mostrando ao próprio aluno do quanto ele é capaz. Nisso, as Oficinas de Criatividade se destacam como meio propício à interação educador-educando, uma vez que diminuem a distância ideológica e social entre os mesmos.

2.2. A COGNIÇÃO INVENTIVA:

Kastrup (2007) realiza uma análise sobre o tema “invenção”, tendo como ponto de partida a inexistência de uma investigação relacionada à invenção no domínio de estudos da cognição. O objetivo da presente análise passa a ser então a exploração das condições necessárias para a formulação de tal hipótese.

Ao realizar uma análise sobre a modernidade, tendo por base os conceitos propostos por Michel Foucault (1957/1994) e Bruno Latour (1996), Kastrup (2007) encontra relatos sobre a psicologia cognitiva, com alguns princípios de ordem filosófica e epistemológica que respondem, parcialmente, à abordagem do problema da cognição. Ao buscar leis e fundamentos como apoio para definir e conceituar o que seria a criatividade, a autora constata que a investigação psicológica, na maior parte das pesquisas e abordagens, se restringe à invenção de solução de problemas e à invenção de estruturas cognitivas. Ao experimentar o processo ou ato de “pensar a invenção” como invenção de problemas e como processo não previsível em suas conclusões, Kastrup (2007), utiliza-se de ideias da outra linha de abordagem da modernidade, principalmente no tempo como *devoir* inventivo e na *cognição* como prática de intermediação entre o que é natural e o que é inventado ou criado, com também entre o individual e o coletivo, de acordo com Latour (1994). A autora relata, ainda, a realização de um trabalho em rede pelos filósofos H. Bergson (1911/1979), G. Deleuze e F. Guattari (1977) e os biólogos H. Maturana e F. Varela (1972), por meio do qual elaboraram um conceito de cognição ampliado, que inclui tanto a recognição quanto a invenção. Por fim, Kastrup (2007) faz considerações a partir de uma percepção inexistente ou não formulada até o presente que é a Psicologia da Invenção Cognitiva. A questão abordada pela autora vai além da formulação de uma teoria que inclui o pensar sobre as condições de como a psicologia deve atuar ou ser aplicada no processo da aprendizagem. A não separação da “invenção” da “inteligência”, na psicologia tradicional, cria uma situação de dificuldade frente ao entendimento de construção ou identificação do problema. É preciso que exista o problema para que seja identificada a invenção e a partir desta o início do pensamento. Cria-se assim a *invenção do pensamento* dentro de um contexto

lógico e progressivo na elaboração de um processo inventivo. Por outro lado, dentro do processo cognitivo, ora abordado, são tratados dois problemas: o *tempo* e o *coletivo*, fundamentais no estudo da invenção. O *tempo* pode ser entendido como uma vertente na qual há uma intensidade na variação do pensamento, como uma concentração de camadas que liga os processos cognitivos existentes nas experimentações presentes, com as experiências ocorridas nos passados, memórias e lembranças, e também as expectativas dos futuros. Tempos que se ligam e se cruzam nos momentos de experimentação, em que ocorrem as mudanças no processo cognitivo. Já com relação ao *coletivo* envolve a abrangência dos indivíduos ligados a forças de singularidade e diferenciação heterogêneas alcançada pelo processo inventivo da cognição, a própria invenção de si mesmo e do mundo através das práticas e dos modos de vida; o coletivo reflete a ampliação da cognição no campo da invenção criando assim novas ações na vida e no mundo. Tais problemas ou elementos são considerados, na maioria das vertentes psicológicas, fatores externos à aprendizagem. Entretanto, para esta perspectiva, os elementos do tempo e do coletivo estão intimamente vinculados às práticas de aprendizagem.

2.3. INSTRUMENTO PEDAGÓGICO INVENTIVO

Têm-se como instrumentos pedagógicos inventivos as oficinas em educação, que podem na prática, ter várias denominações, tais como Oficina de Criatividade, oficina pedagógica, oficina de aprendizagem, entre outras. O importante é que as oficinas, com o foco aqui abordado, constituem-se em mecanismos ou métodos que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, seja no seu lado pedagógico (aprendizagem, cognição), seja no seu lado psicológico (psico-emocional, criativo e inventivo). Diante desse fato, compreende-se então que as oficinas em educação, como instrumentos de suporte no processo de aprendizagem, têm a função de integrar aspectos cognitivos, criativos e inventivos, estabelecendo assim, uma boa sintonia entre a pedagogia e a psicologia ligada à Cognição Inventiva.

Para Kastrup (2007) a cognição é um tratamento especial de dois componentes: em primeiro lugar, o dinamismo que reforça a criação, a

invenção e a constituição de problemas e em segundo lugar, um componente que ressalta a importância de evitar que o movimento inventivo da cognição se fragilize ao mero cultivo dos problemas, criticando o modelo existente que é a imposição de testes escolares. A Cognição Inventiva leva em conta não só a criação de problemas, mas a constituição de linhas de solução, de formações discursivas e não discursivas utilizando um campo multirrelacional, pois a solução depende das condições e dos meios.

O aprendizado nas escolas se processa, normalmente, por disciplinas em que o aluno recebe o conteúdo e é avaliado por meio de provas, podendo assim ser certificado. Para Corrêa e Preve (2011) há uma imobilização do educando junto à carteira, dificultando a criatividade. Diante disto, esses autores afirmam que as oficinas, enquanto estratégia voltada à aprendizagem podem facilitar esse processo, promovendo uma relação entre o conhecimento científico e o cotidiano do educando.

De acordo com Corrêa e Preve (2011), Foucault (1987) compara a instituição escolar com prisões, exército, hospitais, asilos e fábricas; ou seja, instituições disciplinares. O educador mantém o educando sentado e comportado, muitas vezes, reproduzindo a disciplinarização dos corpos e, conseqüentemente, do pensamento.

Corrêa e Preve (2011) diferem educação e escolarização. Educação é a interação de um indivíduo no espaço em que vive. Já a escolarização é institucionalizada, usa práticas como controle do tempo para as atividades, tem um espaço, relaciona saberes aos quais confere caráter de universalidade, obriga a frequência, avalia e certifica. A escolarização é uma máquina e o não funcionamento de uma das práticas pode impedir o seu funcionamento.

Segundo Kastrup (2007) para que um conhecimento seja reconhecido como real deve estar pautado na observação; para isto, todo conhecimento deve ser embasado numa teoria que combine os fenômenos observados e que busque o conhecimento e suas relações. O mundo não é como se vê, o conhecimento precisa ser problematizado, pautado em uma teoria, essa é a percepção desenvolvida pela psicologia tradicional. Em contrapartida, o conhecimento, enquanto invenção, necessita ser colocado em termos de formulação de problemas e linhas provisórias de solução; ou seja, que assegure ultrapassar constantemente os limites no interior do qual o problema

opera. Diante disto, para se pensar a Cognição Inventiva é preciso problematizar a própria concepção de real assegurado pela psicologia tradicional.

Diante disto, pensamos as oficinas como estratégias ligadas à Educação, trazendo novas possibilidades às práticas escolarizantes e criando problemas potentes para a escola. Assim, a invenção depende de uma abertura de um campo de multiplicidades ou, antes, para o que existe de diferencial no objeto e que ainda não foi codificado pela representação. A invenção implica tatear na experimentação com o objeto e com a imprevisibilidade. A invenção começa com a criação de problema, sendo estes geradores de experimentação e de processos inventivos ligados à aprendizagem. Problematizar é bifurcar, criar caminhos divergentes ao passo que solucionar problemas é ser capaz de viabilizar novas formas de existência. Organismo e meio são resultados, efeitos de uma rede processual, constituindo-se reciprocamente e apresentando-se como fontes mútuas de perturbação.

Tendo como referencia a própria proliferação da vida como um campo de variadas experimentações, a estrutura do organismo resulta da história de seus acoplamentos com os meios específicos. Seres vivos e ambiente definem-se como séries; ou seja, diferentes saberes que o individuo transita, marcadas por dinâmicas distintas, em que ambos entram em deriva na experimentação. Cruzam-se e se afetam mutuamente. São, portanto, relativamente independentes, mas causam efeitos recíprocos. Do acoplamento de certos modos individuais de interação com certas irregularidades do mundo objetivo, do encontro surgem estabilizações ou diversificações. Deste modo, a experimentações em oficinas estariam vinculadas a acoplamentos criados nas relações e nos encontro entre teorias e o que cada participante pode inventar na relação com objetos e com os corpos ali presentes, construindo práticas que ligam a Educação e a própria vida.

A Educação é a pratica mais humana, talvez a mais importante dada a sua influência na existência dos homens. Ela distingue o nosso modo de ser cultural do modo natural de existir de outros seres vivos. Através dela construímos, histórica e socialmente, o cotidiano que catalisa nossas experiências, também permite legar a outros seres humanos o estoque de

conhecimento construído pela nossa prática e pela nossa reflexão. (DELORS, 2010).

Para que seja instituída uma oficina precisa haver uma investigação temática, ou seja, conhecer os educandos e a sua realidade e reconhecer neles a situação limite, estabelecer um diálogo com os educandos para saber de suas demandas. A Educação deve ser baseada no diálogo, na possibilidade de ampliação da leitura do mundo. Como exemplo, podemos citar o grupo “Ciência Vivo” que em 1983, levava para as praças públicas e favelas do Rio de Janeiro, equipamentos científicos como telescópio, termômetros, microscópios, lentes, insetos, vegetais, câmeras escuras dentre outros com objetivo de popularizar a ciência como forma de alfabetização científica, posteriormente o projeto foi instalado em um galpão abandonado no Bairro da Tijuca, a troca de experiências desse grupo possibilitou a ensinar ciência fora da escola (CORRÊA, 2000).

O mesmo autor menciona outros projetos como o de “Oficina de Produção Reciclagem de Papel Artesanal e o Conhecimento em Química”, realizados no Colégio Estadual “Osmar Cunha” em Canavieiras Florianópolis SC. Iniciava-se com um passeio ao arredores do local onde era realizado a oficina, que identificavam e coletavam vários tipos de fibras vegetais. Em seguida realizava-se o tratamento e cozimento das fibras, seguia-se o tempo em que as pessoas produziam papeis explorando ao máximo as possibilidades dos tipos de fibras a disposição, dos corantes, dos formatos, das molduras e da composição com diversos materiais e de técnicas, muitas desenvolvidas por elas mesmas até a obtenção do papel. Analisavam as transformações por que passavam os materiais, desde o início do processo, passando pelo liquidificador, até se tornarem folhas de papel. A empolgação, a alegria que demonstravam ao estarem produzindo cada um o seu papel, o modo como se animavam a caminho do mato, cortar o pasto, preparar os utensílios, organizar a produção, a participação de todos nas discussões sobre o que cada um estava experimentando. O fazer papel ia ganhando sentidos que permitiam vislumbrar o aparecimento de outros saberes.

O Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) do centro de ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina constituía, inicialmente, num espaço aberto na instituição para pesquisar e desenvolver oficinas com o

foco nas ciências naturais. O Grupo do NAT passou a oferecer um número expressivo de oficinas: “Produção de Papel Artesanal”, “Oficinas de Sabão”, “Entendendo o Clic da Máquina Fotográfica”, “Etnomatemática”, “sexualidade: quem precisa disso”, “Etnobotânica”, “Passeio pelas imagens”, “fotografia: a busca da apreensão das imagens”, “Invenção dos números”, “As cores da sombra”, “Nosso corpo esse desconhecido”, “o corpo em movimento”, “Os saberes do pão”, “Teatro de bonecos”, “Resíduos sólidos urbanos: uma questão ambiental”. Essas oficinas foram levadas às instituições de Florianópolis, abrindo possibilidades para o diálogo que não acontece em sala de aula. O fazer juntos da oficina traz à tona vivências de cada participante, força de saberes, diferentes visões do mundo, do vivido de cada um. (CORRÊA, 2000).

Outro exemplo de projeto foi desenvolvido no bairro Restinga, periferia de Porto Alegre-RS denominado “Vivenciando a cultura na Restinga” com objetivo de integraricineiros da comunidade, comunidade e universidade. Como modo de produção de um coletivo que permitisse o trabalho conjunto de acadêmicos eicineiros, forma organizadas de atividades tendo em vista a promoção de integrações baseadas na cooperação e na autogestão, potencializando os vínculos sociais em ações culturais. O grupo era composto de 20 pessoas, sendo onze acadêmicos entre graduandos, mestrados, doutorandos, e professores de cursos de psicologia, sociologia e educação provindos da UFRS e PUC-RS. As oficinas desenvolvidas foram dos tipos hip-hop, grafite, capoeira, vídeo-dança, rádio comunitária, orientação de direitos humanos, atividades com estúdio multimídia, atividades com o telecentro, arte com cerâmica, pintura acrílica em telas, escultura em ferro, pintura a óleo, teatro e terapias corporais. As propostas foram elaboradas tendo por base a realidade local, o público usual das oficinas eram jovens em condições de vulnerabilidade social ou em situação de risco e as oficinas eram formas de oferecer alternativas aos jovens afastando das drogas, do crime, aumentando seu envolvimento com a comunidade, sua autoestima, estimulando a criatividade e a crítica social. Por meio de reuniões, osicineiros foram levantando a situação das escolas públicas do bairro, problemas como preconceito racial, professores pouco motivados, dificuldades na estrutura física dos estabelecimentos, pouca abertura para prática diferente dentro do

espaço. Este projeto teve como resultado a elaboração de questões, problemas e linhas de soluções. A ênfase na realização de atividades, em parceria, produziu formas de gestão coletivas capazes de regular o desenvolvimento do projeto, dar conta dos imprevistos e resolver os problemas. A informalidade e a ludicidade da oficina contribuiu para uma participação efetiva e curiosa, produzindo certo encantamento, o desejo de conhecer experimentar (MARASCHIN, CHASSOT e GORCZEVSKI, 2006).

Ainda destacamos alguns projetos ligados a pesquisas que entrecrusam os temas Oficinas de Criatividade e Educação. Na periferia de Florianópolis – SC, foi desenvolvido durante três meses do ano de 2011, oficina de improvisação teatral com um grupo de jovens do sexo feminino objetivando reconstruir de forma inventiva suas relações com a imagem de si mesmas (FURTADO, LEVITAN, TITON, CASTILLO e ZANELLA, 2011). Além disso, o artigo “A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica”, produzido por pesquisadoras ligadas à Universidade Federal do Paraná, discute a utilização de oficinas em contextos escolares, enquanto espaços de ação e reflexão, um fazer próximo à arte (CAMARGO e BULGACOV, 2008). Outra pesquisa destacada foi realizada por pesquisadores da Universidade de Santo Amaro e do Centro Universitário Fundação Instituto de Ensino para Osasco, que investigaram oficinas de leitura junto à crianças com dificuldades de aprendizagem, tendo como instrumento principal a leitura de história de literatura infantil, a partir da qual se abrem espaços para diferentes formas de participação das crianças, como diálogos, desenhos, narrativas (PORCACCHIA e BARONE, 2011). Ainda destacamos uma pesquisa ligada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, com foco no processo de criação de uma atividade de produção literária, desenvolvida em um curso de formação para professores, intitulado “Oficinas Estéticas: prática pedagógica e atividade criadora”, com objetivo de proporcionar a construção de “olhares estéticos” que redimensionassem as relações envolvidas na ação pedagógica por meio de vivências criadoras (MAHEIRE, ZANELLA, DA ROS, TITON, WERNER, URNAU, CABRA, 2007).

A prática de Oficinas de Criatividade na educação e psicologia contribui, neste aspecto, no contexto desenvolvimento na coletividade,

extraindo-se ferramentas de cada indivíduo como único, operando na construção coletiva de si e do mundo.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa foi realizado, considerando duas etapas. A primeira etapa constituiu-se na busca de informações na literatura sobre o tema ora abordado, tais como livros e periódicos, tanto impressos quanto eletrônicos. Para tanto, foram realizadas consultas em bibliotecas e na rede de comunicação mundial (internet) nos sites da Scielo, Lilács e Bireme com as palavras-chave: educação, oficinas, criatividade, aprendizagem. Dentro desse processo de busca, foram priorizadas publicações mais recentes, bem como mais antigas, já que os periódicos e revistas mais recentes apresentaram poucas pesquisas que envolvessem especificamente as temáticas Oficinas de Criatividade e Educação. Priorizamos, assim, as consultas àquelas ligadas ao entrecruzamento dos temas, tanto mais recentes como mais antigas, considerando as obras grupos de investigação mais iniciantes, como também de elevada importância, de autores consagrados ou renomados no assunto em questão tais como: Alencar (2002); Assis (2002); Camargo e Bulgacov (2008); Corrêa e Preve (2011); Costa Lins e Miyata (2008); Cortes (2011); Furtado, Levitan, Titon, Castillo e Zanella (2011); Kastrup (2000, 2001 e 2007); Lima (2008); Maheire, Zanella, Daros, Titon, Werner, Urnau e Cabra (2007); Maraschin, Chassot e Gorczewski, (2006); Oliveira (2010); Porcacchia e Barone (2011); Stoltz (1999).

A segunda etapa do trabalho constituiu-se na leitura e interpretação das obras selecionadas, dando ênfase para aquelas com abordagem mais específica da Psicologia Inventiva, destacando sua importância, como também um dos métodos que tem se mostrado promissor (Oficina de Criatividade) no desenvolvimento do processo cognitivo, criativo e inventivo do indivíduo enquanto aprendiz.

4. APRENDIZAGENS E OFICINAS: EXPERIMENTAÇÕES DE UMA COGNIÇÃO INVENTIVA

Foram encontrados dezesseis artigos nas plataformas Scielo, Lilács, Bireme nos últimos quinze anos, demonstrando que existem algumas pesquisas e publicações sobre a temática Oficinas de Criatividade e Educação, apesar de se mostrarem poucas quando comparadas às temáticas envolvendo Oficinas de Criatividade na área da Saúde, principalmente Saúde Mental. A escassez de pesquisas com a temática de oficinas em Educação, enfatiza o campo psicológico ligado à cognição pouco focado na temática da “invenção” ou de experimentações enquanto uma Cognição Inventiva. Nesse contexto, fica evidente a necessidade de se investigar o porquê da ausência dessa experimentação no ambiente escolar, bem como mostrar os aspectos importantes das oficinas vinculadas à Cognição Inventiva enquanto estratégia à aprendizagem. Diante disso, a proposta dessa investigação foi analisar conceitualmente a prática de oficinas como espaço para a experimentação da Cognição Inventiva, interpretada como campo das ações não programadas, sem um método pré-determinado, não seguindo os padrões das teorias científicas tal qual se conhece atualmente (KASTRUP, 2007).

Para Kastrup (2000), as teorias atuais da psicologia sobre aprendizagem têm seu foco, principalmente, nas estruturas cognitivas que determinam um tempo para que ocorra o processo de assimilação ou ganho de conhecimento. O desenvolvimento desse processo, no entanto, está ligado a características de cunho relacional e biológico de evolução do indivíduo. Diferentemente do que se espera no contexto escolar, cada estudante ou aprendiz responde de forma diferenciada no processo de aprendizagem, considerando as particularidades de cada um, que podem ser desde a simples evolução do indivíduo por meio de transformações temporais, como também pela própria genealogia estreitamente ligada a laços co-sanguíneos e de descendência.

A partir das análises acima, observa-se que as teorias do desenvolvimento cognitivo inventivo, bem como da evolução buscam a explicação da origem das formas ou meios pelos quais o indivíduo avança no processo de aprendizagem. O mundo moderno, que existe numa gama

expressiva de informações disponíveis, praticamente em tempo real, parece interferir diretamente na cognição, deixando em segundo plano a ideia de influência da gênese e filiação ou descendência. Frente a esse fato, o tema da transformação temporal da cognição revela-se mais importante, como também mais amplo e complexo. Nesse contexto, insere-se o conceito de Devir-criança, de acordo com Deleuze e Guattari (1997) citados por Kastrup (2000).

O conceito do Devir-criança visa explicar o comportamento criança que existe em todo adulto e em também, como não haveria de ser diferente, em toda criança. Embora, normalmente ocorra a evolução do processo de aprendizagem ou desenvolvimento da cognição, com o avanço da idade, para este pensamento sempre haverá uma zona de vizinhança possível da dimensão criativa e inventiva próprios do mundo da criança e que pode ganhar movimento nas relações práticas e de vida de cada pessoa adulta.

No contexto do Devir-criança, a psicologia se envolve com um cenário complexo, que exige ações que possam compreender aquela condição por meio da qual o adulto age com uma potência de criar e inventar frente ao que se propõe a fazer.

Diante do exposto, o conhecimento adquirido não está atrelado ao processo convencional de ensino-aprendizagem, enquanto acúmulo de conhecimentos objetivos, mas se vincula à reinvenção presente na própria cognição, em que o professor tem a função de estimular no estudante seu potencial de busca e de coparticipação criativa nas relações estabelecidas com os conteúdos à serem aprendidos, tanto por meio de ações com tendências repetitivas quanto inventivas, que se misturam nas formas atualizadas.

Assim, a realização e difusão de estudos mais profundos dentro da psicologia são de fundamental importância, principalmente no que se diz respeito à noção de cognição como invenção e criatividade. No contexto da Oficina de Criatividade é preciso ampliar o conceito de cognição pela abordagem do problema do tempo e do coletivo, aspectos importantes para o desenvolvimento da capacidade inventiva do estudante no processo criativo, de acordo com Kastrup (2007).

Diante desse cenário, é necessário que ocorram ações dentro da psicologia cognitiva, no sentido de buscar a reformulação dos princípios teóricos e epistemológicos da psicologia inventiva; tais reformulações

direcionam a Psicologia Inventiva para a “invenção de problemas” num processo importante nos estudos cognitivos (KASTRUP, 2007).

Observa-se que ambas, a psicologia cognitiva e a inventiva, são partes importantes e necessárias ao processo de aprendizagem. Cabe então às Oficinas de Criatividade em psicologia e na educação colocar em prática tal processo de vinculação entre cognição e a inventividade.

5. CONCLUSÕES

As análises, observações, interpretações e síntese dos trabalhos consultados sobre o tema, objeto desta pesquisa, permitiram concluir que:

- A Pedagogia enquanto ciência voltada ao processo de aprendizagem tradicional, precisa de aberturas para a criatividade dos aprendizes e educadores, priorizando a construção coletiva de um saber, de percepção da realidade vivida por cada indivíduo ou estudante, de confrontação e intercâmbio de experiências, em que o saber constitui-se no resultado final do processo de aprendizagem;

- A Psicologia clássica enquanto ciência que aborda o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, não adota instrumentos vinculados a uma Cognição Inventiva, mas à inteligência do indivíduo, à sua capacidade mental;

- A Psicologia Inventiva, enquanto campo de investigação voltada ao desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, aborda aspectos da criatividade e espontaneidade do estudante no ambiente escolar, tendo como suporte as Oficinas de Criatividade.

- As Oficinas de Criatividade se caracterizam enquanto estratégias aos estudos da Psicologia no campo educacional, ligada à Cognição Inventiva. Contribuem de forma satisfatória para o estímulo e o desenvolvimento das potencialidades de aprendizagens dos indivíduos, deslocando-os para a relação com os coletivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho, fica compreendido que a Psicologia Inventiva constitui-se em um campo de estudos práticos muito importantes no

processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Ela rompe com o tradicionalismo da Psicologia clássica e agrega alguns componentes essenciais da Pedagogia, tornando-se assim inovadora em suas proposições.

Nesse contexto, a adoção da Oficina de Criatividade, como método promissor, leva a Psicologia Inventiva a ser mais facilmente compreendida em seus objetivos, projetando-a como uma vertente de grande importância da Psicologia clássica.

Assim, sugere-se que o tema ora abordado neste trabalho tenha continuidade em sua investigação por meio de trabalhos vindouros, teóricos e práticos, junto aos Cursos de Psicologia, uma vez que se mostrou ter fundamentos inovadores, promissores e com visão construtiva dentro da perspectiva de uma Psicologia Inventiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. M. L. S. **A gerência da criatividade**. São Paulo/SP, Makron Books, 1996.
- ALENCAR, E. M. L. S. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis/RJ, Vozes, 9ª edição, 2002.
- ASSIS, M. C.; ASSIS, O. Z. M. (Orgs.). **PROPRE Fundamentos teóricos da educação infantil**. Campinas/SP, Graf. FE, R. Vieira, 2002.
- BERGSON, H (1911). **A consciência e a vida**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores), 1979.
- CAMARGO, D. De; BULGACOV, Y. L. M. A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica. **Psicologia em Estudo**, 13(3), 2008, p. 467-475. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722008000300007, acessos em 26 jul. 2012.
- CORREA, G C; PREVE, A. M. H, **A Educação e a Maquinaria Escolar: Produção de Subjetividades, Biopolíticas e Fugas** - Sorocaba, SP, v.37, p.181, dez. 2011.
- CORREA, G. C. Oficina: novos territórios em educação. In: PEY, M.O. (org.) **Pedagogia libertária** — experiências hoje. São Paulo: Imaginário, 2000.
- CORTES, J.G. **Oficinas Pedagógicas: possibilidades e limites na Educação de Jovens e Adultos**. UERJ: São Gonçalo, 2011. 59 p. (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia).
- COSTA LINS, M. J. S.; MIYATA, E. S. **Avaliando a aprendizagem de criatividade em uma oficina pedagógica**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 455-468, jul./set., 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka – por uma literatura menor**. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Devir intenso, devir animal, devir imperceptível*. Em: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** (Vol. 4), Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir** – Relatórios para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, DF: UNESCO, Faber- Castell, 46 p, 2010.
- FOUCAULT, M. (1957). *La psychologie de 1850 a 1950*. Em: DEFERT, D.; EWALD, F. (orgs.). **Dits et Écrits par Michel Foucault**, v. 1. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: a história das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FURTADO, J. R.; LEVITAN, D.; TITON, A. P.; CASTILLO, P. F. V.; ZANELLA, A. V. Teatro sem vergonha: jovens, oficinas estéticas e mudanças nas imagens de si mesmo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 31(1), 2011, p. 66-79. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100007&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932011000100007, acessos em 26 jul. 2012.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**, v. 6, n.1, 2001, p. 17-27.
- KASTRUP, V. O Devir-Criança e a Cognição Contemporânea. Em: **Psicologia, Reflexão e Crítica**. 13 (3). 2000, p. 373-382.
- LATOURET, B. **Jamais fomos modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- LATOURET, B. Do humano nas técnicas. Em: SCHEPS, R. (org). **O império das técnicas**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1996.
- LIMA, M. **Oficina Pedagógica como espaço formativo da docência**. PUC: São Paulo, 2008, 187 p. (Dissertação de Mestrado em Educação).
- MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V.; DA ROS, S. Z.; TITON, A. P.; WERNER, F. W.; URNAU, L. C.; CABRA, M. G. Processos de criação em educadoras: uma experiência e suas implicações. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, Niterói, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100011&lng=pt&nrm=iso, acessos em 26 jul. 2012.
- MARASCHIN, C.; CHASSOT, C. S.; GORCVESKI, D. **Saberes e Práticas de Oficineiros – análise de uma cognição situada**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 287-296, set./dez, 2006.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **Autopoesis and Cognition**. Boston; Londres; Dordrecht: D. Reidel, 1972.
- OLIVEIRA, J. S. **Hora do conto, Oficina matemática e educação inclusiva**. UFRGS: Alvorada, 2010. 62 p. (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia).
- PORCACCHIA, S. S.; BARONE, L. M. C. Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 3, set. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300012&lng=pt&nrm=iso, acessos em 26 jul. 2012.
- STOLTZ, T. **Capacidade de criação**. Petrópolis/RJ, Vozes, 1999.

BREVE CURRÍCULO

Melissa Fantuzzi Gomes. Graduada em Psicologia pela Faculdade Jaguariúna em 2012. Atualmente trabalha na área de Psicologia Clínica na Clínica de Reabilitação Moroni no município Santo Antônio de Posse/SP. Endereço: Rua Carlos Gastaldo nº168, Jardim Gastaldo CEP: 13820-000 – Jaguariúna/SP/BR. Fones: (19) 3867 16-02. (19) 99227-6413. mfantuzzi2001@yahoo.com.br

Juliana Soares Bom-Tempo foi orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso OFICINA DE CRIATIVIDADE: PSICOLOGIA E COGNIÇÃO INVENTIVA NA EDUCAÇÃO como professora do Curso de Psicologia da Faculdade Jaguariúna. Encontra-se no último ano de doutoramento pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP/SP/BR. Atualmente realiza estágio de doutorado sanduíche na Université Paris X – Nanterre sob supervisão da professora Dr.^a Anne Sauvagnargues com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Endereço: Rua Tapajós, 1021, Saraiva, CEP. 38 408-414. Uberlândia/MG/BR. (34) 3214 2373. ju_bomtempo@yahoo.com.br

José Otacílio de Souza. Graduado em Psicologia pela Faculdade Jaguariúna em 2012. Endereço: Rua Quaresmeiras nº54, Jardim flamboyant CEP: 13825-000– Holambra/SP/BR. Fones: (19) 3802-24-60 (19) 991938566. j_otacilio@yahoo.com.br

Luís Filipe de Souza. Graduado em Psicologia pela Faculdade Jaguariúna em 2014. Endereço: Rua Nelson Henrique da Silva nº148, Parque Rodrigues CEP: 13903-235 – Amparo, SP – Brasil. Fones: (19) 3808 56-72. Celular: (19) 982737902. filipe14souza@hotmail.com